

Integração Fonético-Fonológica de Antropónimos Ngangela no Português do Cuando Cubango

Valentim Francisco Moreira *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0000-9348-139X>

RESUMO

Estuda-se, neste artigo, tendo em conta os princípios da fonologia estruturalista, o modo como os antropónimos ngangela integram no Português realizado no Cuando Cubango (PCC), com vista a contribuir-se na caracterização fonético-fonológica do Português Angolano (PA). Pretende-se com o mesmo, de modo geral, descrever, fonético e fonologicamente, a variante do Português do Cuando Cubango com vista à caracterização dialetológica do Português de Angola e, de modo específico, (i) identificar e classificar os sons (fones) dos antropónimos ngangela integrados no PCC; (ii) identificar os fonemas realizados nos antropónimos ngangela integrados no PCC e (iii) caracterizar o comportamento fonológico dos segmentos (fonemas) constituintes dos antropónimos ngangela integrados no PCC. Para a sua realização, reutilizou-se o *corpus* construído por Tchimbali (2017) para a análise dos antropónimos da língua ngangela. Trata-se, assim, de um estudo, do ponto de vista metodológico, no qual se usou, como técnica para a concretização dos objectivos, a pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010). Obteve-se como resultado: (i) a construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons vocálicos dos antropónimos; (ii) a construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons consonânticos e (iii) a apresentação ou construção de um quadro com as transcrições fonológicas dos antropónimos. Observou-se, de modo geral, que os antropónimos ngangela integram no PCC, ora conservando a estrutura fonético-fonológica do Ngangela ora adaptando-se às estruturas da LP (variante padrão).

PALAVRAS-CHAVE

Integração Fonético-Fonológica; Antroponímia Ngangela; Português do Cuando Cubango

Phonetic-Phonological Integration of Ngangela Anthroponyms in Cuando Cubango Portuguese

ABSTRACT

This article studies, taking into account the principles of structuralist phonology, the way in which the anthroponyms ngangela are integrated into the Portuguese produced in Cuando Cubango (PCC), with a view to contributing to the phonetic-phonological characterization of Angolan Portuguese (PA). The aim is, in general, to describe, phonetically and phonologically, the variant of Portuguese from Cuando Cubango with a view to the dialectological characterization of Portuguese from Angola and, specifically, (i) to identify and classify the sounds (phones) of the ngangela anthroponyms integrated into the PCC; (ii) identify the phonemes realized in the ngangela anthroponyms integrated in the PCC and (iii) characterize the phonological behavior of the segments (phonemes) that constitute the ngangela anthroponyms integrated in the PCC. To carry it out, the corpus constructed by Tchimbali (2017) was reused to analyze anthroponyms in the Ngangala language. This is, therefore, a study, from a methodological point of view, in which documentary research of secondary sources was used as a technique to achieve the objectives (Marconi & Lakatos, 2010). The result was (i) the construction of a Table with the phonetic identification and classification of the vowel sounds of anthroponyms; (ii) the construction of a Table with the phonetic identification and classification of consonant sounds and (iii) the presentation or construction of a Table with the phonological transcriptions of anthroponyms. It was generally observed that the Ngangela anthroponyms are integrated into the PCC, sometimes preserving the phonetic-phonological structure of Ngangela and sometimes adapting to the structure of LP (Standard variant).

* E-mail: valentimoreira@hotmail.com

KEYWORDS

Phonetic-Phonological Integration; Ngangela Anthroponymy; Cuando Cubango Portuguese

Kutsinga lisoneko ha kuhandeka na kutumbula mazina a vantu mu ngangela mu Putu ya Kwandu na Kuvangu

VUHIHYE

Mu cinazeko eci twasela kulilongesa kulyevi, via twasela kuhandeka muye mo vavisungamesa, vati mazina a mu ngangela alikuata na putu kuno kumuhato wa kwandu na kuvangu (KK), linga akwaseko vati mutwasela kusoneka na kuhandeka iputu ya mu Angola (PA). Cipande mo kemo vene motwasela kuhitulula ca kusoneka, mu kusoneka na kuhandeka kwa muyati wa ipuptu ya kwandu na kuvangu, linga tutepepe vwino aa malaka atiamena ku iputu ya Angola, (i) ngeci muvaitepa, kutantekeyesa luhwa na kutepesa kwa mihuku ya zindaka za mazina avantu ava ngangela vakala mu kwandu na kuvangu, (ii) kuhilula visonekesa vyalikwata na mazina ava ngangela vakala mu kwandu na kuvangu na (iii) Kutepesa cihwa ca handekesi kwa visoneka vya likwata ku moya naa mazina amulilaka lya ngangela kutsinga mu putu ya Kwandu na Kuvangu. Linga vipwemo tu sikula visoka vya mwrongisi Tchimballi (2017) kukale kuhilula vulimbulwilo vwa mazina a mu lilaka lya ngangela. Tuli kuhandeka lilongeso na vunongo ha vwino vwa vilongesa, vya kevyo vya vanakwama navyo mu kupwisamo vya vatumbika vakwa ku konka ngeci mwa (Marconi & Lakatos, 2010). Mu vilongeso evi tuwana mo zintsongo zimoya (i) ha kutungisa na kutantekeyesa luhwa na kutepesa kwa kusoneka ei mihuku ya zindaka za mazina a vantu ava ngangela, (ii) mu kutunga mu cihwa cikonka na kuhilula hadakesi ya meyu ha kutumbula kwa mazina ava vantu. Na (iii) ku lekesa na visoneka ca vulimbulwilo lwa mazina avantu ndi co kutungisa kwa kuswamesa mu kuhandeka kwa mazina a vantu. Va nahilula ha mazina a ngangela atava kwatsinga mu putu ya kwandu na kuvangu muku tala cihwa ca handekesi ya ngangela há kulitombola na cihwa caputu ya livando lya handekesi.

MITWE YA ZINDAKA

Kutsinga kwa mezi a kusoneka na kuhandeka; Mazina ava ava ngangela muputu ya Kwandu na Kuvangu



Introdução

No presente artigo, estuda-se, tendo em conta os princípios estruturalistas, o modo como os antropónimos ngangela, Língua de Origem (LO), integram no Português realizado no Cuando Cubango (PCC), Língua/Variante de Acolhimento (LA), com vista a contribuir-se para a caracterização fonético-fonológica do Português Angolano (PA). Tendo em conta o contato linguístico que caracteriza o PCC, é inevitável que a mesma acolha unidades lexicais (antropónimos) das línguas com as quais mantém contato. Entretanto, esse processo não é uniforme, podendo, muitas vezes resultar em estruturas estranhas à LA. Desta forma, levanta-se, como problema científico, a seguinte questão: “Como os antropónimos ngangela integram, fonética e fonologicamente, no Português do Cuando Cubango?”

Ao realizar-se o presente estudo, traçou-se, como objetivo geral: descrever, fonologicamente, a variante do Português do Cuando Cubango com vista na caracterização dialetológica do Português de Angola e, como objetivos específicos: (i) Identificar e classificar os sons (fones) dos antropónimos ngangela integrados no PCC; (ii)

Identificar os fonemas realizados nos antropónimos ngangela integrados no PCC;(iii) Caracterizar o comportamento fonológico dos segmentos (fonemas) constituintes dos antropónimos ngangela integrados no Português do Cuando Cubango. Partindo da ideia de que as palavras de uma determinada LO na LA podem ocorrer sem que as mesmas sofram quaisquer alterações na sua forma original ou podem adaptar-se à estrutura da LA, como salienta Miguel (2022), levanta-se, neste estudo, como possível resposta ao problema, a seguinte hipótese: Os antropónimos ngangela integram no Português do Cuando Cubango mantendo a sua forma fonológica original causando, desta forma, estruturas fonológicas divergentes do Português Europeu (PE).

Em função da necessidade de se estudar o PA, com vista a criação de uma norma-padrão que reflita a realidade linguística angolana e que se aproxime ao uso real da língua portuguesa (LP) em Angola, este estudo torna-se pertinente na medida em que visa caracterizar, fonologicamente, uma variante regional do PA implicando um contributo para a descrição dialetológica do PA, já que, como recomenda Calvet (2007), em contextos onde se verificam variedades dialectais, como é o caso de Angola, a padronização deverá ser precedida da descrição dessas variedades para se instituir, como padrão, uma forma intermediária.

Por outro lado, os antropónimos ngangela fazem parte do acervo cultural vangangela, etnia que caracteriza a maior parte dos habitantes do Cuando Cubango. Desta feita, o presente estudo visa, também, demonstrar a influência da angolanidade (identidade cultural angolana) na realização da língua portuguesa em Angola, facto que o torna relevante face à intenção de contextualização da LP falada no país. Para a realização do estudo, reutilizou-se o *corpus* construído por Tchimbali (2017) para a análise dos antropónimos da língua ngangala. Trata-se, assim, de um estudo, do ponto de vista metodológico, no qual se usou, como técnica para a concretização dos objetivos, a pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010).

Para o seu desenvolvimento, estruturou-se o artigo em cinco (5) partes: (i) *introdução*, onde se definiu o objeto de estudo, identificou-se o problema e os objetivos e apresentou-se a hipótese a ser comprovada e a relevância do estudo; (ii) *fundamentação teórica*, onde se apresentou alguns estudos que trataram da integração linguística de léxicos bantu no Português, antroponímia vangangela e Português do Cuando Cubango; (iii) *metodologia*, onde se descreveu o modo como o estudo foi realizado; (iv) *resultados*, no qual apresentamos os resultados da pesquisa e (v) *discussão*, onde se analisou,

examinou e interpretou-se, com base nos princípios fonológicos estruturalistas, os resultados obtidos.

2 - Fundamentação Teórica

Nesta secção do artigo, objectiva-se apresentar alguns estudos realizados sobre: (i) a integração de vocábulos *bantu* no Português Angolano (PA), (ii) os antropónimos ngangela e (iii) o Português do Cuando Cubango (PCC).

2.1 – Integração Fonológica de Antropónimos Bantu no PA

Na perspectiva de Miguel (2022), do ponto de vista linguístico, o termo integração é definido como o processo de inserção de constituintes linguísticos lexicais ou estruturais pertencentes a uma língua, considerada de origem (LO) numa determinada língua, considerada de acolhimento (LA), fruto do contato que ambas mantêm entre si. Sobre a integração fonológica de unidades lexicais das línguas bantu faladas em Angola na LP, já foram realizados alguns estudos entre os quais, em função do que se pretende defender neste estudo, destaca-se apenas o de Undolo (2016), embora não seja exclusivamente dedicado ao tema em abordagem.

Undolo (2016, p. 149), para além de apresentar outras características do PA no estudo em questão, ao caracterizar fonologicamente o sistema consonântico do Português Angolano (PA), destaca a presença, nesta variedade, de consoantes nasais (no nível fonético), ou pré-nasais, como “[ⁿb], [ⁿd], [ⁿz], [ⁿʒ] e [ⁿg]” decorrentes da incorporação ou integração de vocábulos como “<mbanza>, <ndala>, <nzau>, <nginga> e <ngoma>”, das línguas *bantu* angolanas no PA. De acordo com esta observação, demonstra-se que as unidades lexicais, que denotam aspectos socioculturais das línguas *bantu* (LO) faladas em Angola, integram, fonologicamente, na língua portuguesa, língua de acolhimento (LA), sem sofrer qualquer alteração ou se adaptarem à estrutura fonético-fonológica da língua portuguesa.

2.2 Antroponímia Vangangela

De acordo com Seabra (2006, p. 1953), citado por Tchimbali (2017, p. 21), a antroponímia é um ramo da onomástica que tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, nomes parentais ou familiares e as alcunhas ou apelidos.

No estudo de Tchimbali (2017), lê-se, ainda, que o processo de atribuição de antropónimos é influenciada por fatores linguísticos, socioculturais e temporais. Trata-se de um processo de identificação dos indivíduos na sociedade.

Na cultura vangangela, o processo de nomeação é feito segundo a ordem de natividade. Assim, ao primeiro filho, do género masculino, automaticamente é-lhe atribuído o nome de “Kambinda”; caso seja menina, atribui-se o nome de “Intumba” assim sucessivamente até ao sétimo filho do género masculino e ao oitavo do feminino, como se pode observar no quadro 1 (Matias, et al.,1997).

Quadro 1 – Ordem de Atribuição dos Nomes na Cultura Vangangela

Meninos	Meninas
1º Ndala	1ª Intumba, Nthumba ou Nhama
2º Kambinda ou Ntsandala	2ª Mutango
3º Ntyamba ou Ntsamba	3ª Kakuhu
4º Kassanga	4ª Mbaku
5º Kativa	5ª Kassongo
6º Ntyiakativa	6ª Mbaka
7º Ntyakassanga	7ª Mbakakuhu
	8ª Mbakassongo

Fonte: Tchimbali (2017).

Cumprida esta ordem obrigatória, os outros filhos são nomeados de acordo com o contexto ou lugar onde nasceram ou recebem nomes dos seus antepassados (Matias, et al. 1997). A título de exemplo, apresentam-se os antropónimos, Kamana, do género feminino, e Kasela no masculino. Kamana significa “a que termina em último lugar”. É atribuído à menina cujo parto foi difícil. Kasela, por sua vez, significa “cruzar-se com”. Atribui-se tal nome ao menino que nasce no momento em que falece um dos familiares (Tchimbali, 2017).

A forma peculiar como os antropónimos são atribuídos aos indivíduos na cultura vangangela, como se apresentou neste subtema, demonstra a sua importância sociocultural. Por um lado, representa a ordem de natividade, por outro, o contexto de nascimento. Logo, a conservação da estrutura linguística dos referidos nomes, ao serem

integrados no português, implica também, até certo ponto, a conservação dos seus respectivos significados socioculturais.

2.3 O Português do Cuando Cubango (PCC)

Entre os escassos estudos que retratam sobre o PCC, destaca-se, aqui, o de Moreira (2023) que apresenta, como principais características fonológicas do PCC (características típicas), o seguinte:

- (i) A realização do fonema /a/ como central aberta [a] nos diversos contextos onde possa ocorrer. Ex.: [domi`namu], [ka`dɛrnu], [ˈmaʃkara], [ˈpɛsima];
- (ii) Desnasalização das sequências fonológicas /uN/, /eN/, /oN/ e /iN/ em posição átona pré-tónica. Ex.: [fuØ`sãw̃], [manuØteØ`sãw̃], [koØfe`r̃ɛsja], [deliØ`kw̃ɛti];
- (iii) Pré-nasalização ou nasalização, nos termos do autor, dos fonemas consonantais /d/, /b/, /p/ e /g/. Ex.: [aprẽndi`zaʒiØ], [ẽj̃`nbɔra], [acõnpa`naØ], [ã`ngola].

As realizações apresentadas demonstram fortes influências das línguas nacionais faladas no Cuando Cubango, sobretudo o Ngangela e Umbundu, no português realizado nessa localidade de Angola. A desnasalização vocálica decorre do facto de que, no ngangela, não existem vogais nasais. Ao passo que a nasalização de consoantes decorre do facto segundo o qual, quer no umbundu quer no ngangela existem tais consoantes (Moreira, 2023).

3 Metodologia de Estudo

Para a realização deste estudo, usou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010). A pesquisa bibliográfica diz respeito ao contacto directo que o pesquisador tem com todas as obras já publicadas em relação ao tema em tratamento (Marconi & Lakatos, 2010). Neste estudo esta técnica permitiu: (i) definir o problema em estudo; (ii) escolher o tema e o método de abordagem; (iii) escolher e desenvolver a teoria de base para a análise dos resultados e resolução do problema.

A pesquisa documental de fonte secundária consiste na análise de materiais não produzidos pelo autor de um determinado estudo (Marconi & Lakatos, 2010). Sendo assim, para a concretização dos objetivos deste estudo, analisamos o *corpus* construído por Tchimbali (2017) para a análise lexicográfica dos antropónimos ngangela registados na Conservatória de Registo Civil de Menongue. O referido *corpus* apresenta a forma gráfica oficial dos antropónimos destacando: (i) o seu género, (ii) o significado, (iii) a motivação

da atribuição do nome, (iv) as variantes gráficas, (v) a proposta de harmonização gráfica, (vi) a fonte, e (vii) a transcrição fonética, como a seguir se pode ver no quadro 2.

Quadro 2: Exemplar do *Corpus* Reutilizado

Antropónimo	Cahalo (44/1967)
Género	Feminino
Significado	Separada
Motivação da Atribuição do Nome	Morte de um dos gémeos
Fonte	Victória
Variantes Gráficas	Cahalo, Kahalo
Etimologia	Do verbo 'kuhaluka' (separar-se)
Proposta de Harmonização	Kahalu
Transcrição Fonética	[ka'halu]

Fonte: (Tchimbali, 2017)

Entretanto, em função do problema e dos objectivos do nosso estudo, focamo-nos apenas na forma gráfica oficial dos antropónimos e na sua transcrição fonética “realização fonética” como principais dados para análise. Desta forma, baseando-se no *corpus* de Tchimbali (2017), para a concretização deste estudo, constitui-se o *corpus* apresentado no quadro 3.



Quadro 3: *Corpus* para a Análise Fonológica dos Antropónimos Ngangela Integrados do PCC

Forma Gráfica	Transcrição Fonética
Cahalo	[ka`halu]
Calenga	[ka`le`nga]
Camana	[ka`mana]
Cassela	[ka`sela]
Cassendo	[ka`sɛ`du]
Tchilenda	[tʃi`le`da]
Tchimboma	[tʃi`bɔma]
Tchuma	[`tʃuma]
Ndumba	[`ndu`ba]
Cassueca	[ka`swɛka]
Cavavo	[ka`vavu]
Likumbi	[li`ku`bi]
Lilunga	[li`lu`ga]

Tchihinga	[tʃiˈhiŋga]
-----------	-------------

Fonte: Tchimbali (2017).

A forma gráfica adoptada no *corpus* apresentado no quadro 3 é a mesma apresentada no *corpus* reutilizado que, segundo o seu autor, representa a forma como os antropónimos foram registados na Conservatória de Registo Civil de Menongue. A transcrição fonética, também segundo o autor, resulta da forma como os antropónimos foram pronunciados pelos informantes que entrevistou durante o seu estudo (Tchimbali, 2017).

Do ponto de vista das abordagens metodológicas, privilegiou-se a qualitativa, como a entende (Simões, 2016), sendo que, se prendeu em identificar e descrever o comportamento fonológico dos fonemas constituintes dos antropónimos ngangela registados no *corpus*.

3.1 População e Amostra

Sendo que, como destaca Zassala (2013), a população é o grupo total acerca do qual os resultados obtidos numa investigação serão generalizados, determina-se como população, neste estudo, os antropónimos ngangela integrados no Português do Cuando Cuabango e como amostra, parte representativa da população (Zassala, 2013), os catorze (14) antropónimos contidos no *corpus* reutilizado.

A determinação da amostra foi feita por amostragem não-probabilística por conveniência, pois, identificou-se tal amostra em função da facilidade de acesso que se teve aos catorze (14) antropónimos (Gil, 2008).

4. Resultados Obtidos

Observando o modo como os antropónimos ngangela foram transcritos foneticamente, conforme se pode ver no quadro 2, obteve-se, como resultados: (i) a construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons (fones¹) vocálicos dos antropónimos; (ii) construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons consonânticos (consoantes) e (iii) a apresentação ou construção de um quadro com as transcrições fonológicas dos antropónimos em estudo, cumprindo, desta forma, com os procedimentos metodológicos a serem realizados nos

¹ De acordo com a perspectiva de análise estruturalista de Trubetzkoy (Souza, 2012).

estudos fonológicos como orienta Cagliari (2002). Observam-se, a seguir, os quadros com os resultados.

Quadro 4 – Identificação e Classificação Fonéticas dos Sons Vocálicos (vogais) dos Antropónimos Ngangela Integrados no PCC

Sons/Fones	Classificação	Antropónimos
[a]	Baixa ou aberta, anterior, não arredondada.	[ka`mana],
[ɔ]	Média-baixa ou meio-aberta, posterior, arredondada.	[tʃi`nbɔma]
[ɛ]	Média-baixa ou meio-aberta, anterior, não arredondada.	[ka`sɛla]
[i]	Alta ou fechada, anterior, não arredondada.	[tʃi`lɛnda]
[u]	Alta ou fechada, posterior, arredondada.	[ka`sɛndu]
[w] ²	Alta ou fechada, posterior, arredondada.	[ka`swɛka]

Fonte: baseado em Seara, Nunes e Volcão (2011).

Para a classificação fonética das vogais identificadas na forma fonética dos antropónimos, conforme o quadro 4, foram consideradas as propriedades articulatórias: (i) altura da língua (alta, média-baixa, baixa); (ii) avanço ou recuo da língua (anterior, posterior) e (iii) posição dos lábios (arredondada e não arredondada) (Seara, Nunes & Volcão, 2011).

Quadro 5 – Identificação e Classificação Fonéticas dos Sons Consonânticos (consoantes) dos Antropónimos Ngangela no PCC

Sons/Fones	Classificação	Antropónimos
[k]	Oclusiva, velar, surda	[ka`swɛka]
[l]	Lateral, alveolar, sonora	[li`luŋga]
[h]	Fricativa, Glotal, surda	[ka`halu]
[n]	Nasal, alveolar ou dental, sonora	[ka`mana]
[m]	Nasal, bilabial, sonora	[`tʃuma]
[ŋ]	Nasalizada ³ , velar, sonora	[tʃi`hiŋga]
[nd]	Nasalizada, alveolar, sonora	[ka`sɛndu]
[nb]	Nasalizada, bilabial, sonora	[tʃi`nbɔma]
[tʃ]	Africada, alveo-palatal, surda	[tʃi`lɛnda]

² Semivogal oral

³ De acordo com a interpretação de nasalidade defendida por Silva (2003).

[s]	Fricativa, alveolar, surda	[ka`se]a]
[v]	Fricativa, labio-dental, sonora	[ka`vavu]

Fonte: baseado em Seara, Nunes e Volcão (2011) e Silva (2003)

Para a classificação das consoantes identificadas nos antropônimos, como se observa no quadro 5, utilizaram-se as propriedades articulatórias: (i) modo de articulação (oclusiva, africada, fricativa, nasal, nasalizada, lateral); (ii) ponto de articulação (bilabial, labio-dantal, alveolar, alveo-palatal, velar, glotal) e (iii) vozeamento (surda, sonora) (Seara, Nunes & Volcão, 2011).

Dos resultados apresentados nos quadros 4 e 5, destacam-se, no nível fonético, em comparação com o PE, no que às vogais dizem respeito, a não ocorrência de vogais nasais e de vogais fonéticas média central não arredondada oral [ɐ] e a alta ou fechada central [i] nos antropônimos estudados. De acordo com Undulo (2016), esses sons não ocorrem no PA e são substituídos, nos contextos onde são realizados no PE, pelas vogais baixa ou aberta, anterior, não arredondada [a] e média palatal não arredondada [e].

No que concerne às consoantes, também no nível fonético e em comparação com o PE, sublinham-se a ocorrência dos sons [h], [ŋ], [d], [b] e [tʃ] que não ocorrem no PE, mas que, como se pode ver em Sassuco (2022), fazem parte do aporte sonoro das LNsB.

Quadro 6 – Transcrição Fonológica dos Antropônimos

Forma Gráfica	Transcrição Fonética	Transcrição Fonológica
Cahalo	[ka`halu]	/ka`halo/
Calenga	[ka`leŋga]	/ka`leŋga/
Camana	[ka`mana]	/ka`mana/
Cassela	[ka`se]a]	/ka`se]a/
Cassendo	[ka`seŋdu]	/ka`seŋdo/
Tchilenda	[tʃi`leŋda]	/tʃi`leŋda/
Tchimboma	[tʃi`nboma]	/tʃi`nboma/
Tchuma	[`tʃuma]	/`tʃuma/
Ndumba	[`nduŋba]	/`Nduŋba/
Cassueca	[ka`swɛka]	/ka`suɛka/
Cavavo	[ka`vavu]	/ka`vavo/
Likumbi	[li`kuŋbi]	/li`kuŋbi/
Lilunga	[li`luŋga]	/li`luŋga/
Tchihinga	[tʃi`hiŋga]	/tʃi`hiŋga/

Fonte: Baseado em estudos feitos por Sassuco (2022); Vicente (2015); Callou e Leite (2009); Silva (2003); Seara, Nunes e Volcão (2011) e Mateus, Falé e Freitas (2005)

Da transcrição fonológica apresentada no quadro 6, destacam-se, como unidades fonológicas típicas do PCC, identificadas nos antropônimos estudados, o fonema /h/ e as sequências fonológicas /Nd/, /Nb/, /Ng/ e /tʃ/ que não integram o sistema fonológico do PE

(Cf, em Mateus, Falé & Freitas, 2005) e do PB (Cf. em Seara, Nunes & Volcão, 2011) por não agregarem valores distintivos nessas variedades.

5. Discussão dos Resultados

Para a interpretação dos resultados, optou-se pelo quarto procedimento (P4) da análise fonémica do modelo estruturalista, segundo o qual, deve-se, para uma análise fonémica, fazer a identificação dos fonemas e alofones caracterizando a sua distribuição complementar (Silva, 2003).

Assim, apresentar-se-á, nesta secção, a identificação e distribuição dos fonemas vocálicos e consonânticos realizados foneticamente nos antropónimos em estudo.

5.1. Identificação e Distribuição dos Fonemas Vocálicos Constituintes dos Antropónimos Ngangela Integrados no PCC

Observando a terceira coluna do quadro 6, na qual se apresenta a transcrição fonológica dos antropónimos estudados, verifica-se que foram identificados, como fonemas vocálicos constituintes dos antropónimos ngangela integrados no PCC as unidades /a/, /u/, /ɛ/, /i/, /o/ e /ɔ/. Para os comprovar como tais, recorreu-se à metodologia estruturalista de identificação de fonemas, comutação em pares análogos, como em (1a, 1b, 1d, 1e e 1f) e em par mínimo como em (1c), envolvendo unidades lexicais da LP e da variedade do PA (Duarte, 2000).

(1) a)-Camana /a/ : semana⁴ /e/; b)-Tchuma /u/ : soma⁵ /o/; c)-Cassela /ɛ/ cassula⁶ /u/; d)-chilenda /i/ : Calemba⁷ /a/; e)-Cassendo /o/ : Cassenda⁸ /a/; f)-Tchimboma /ɔ/ : Chumbamos⁹.

Ao comutarem-se os segmentos: (i) /a/, ocorrido no antropónimo integrado no PCC “Camana” por /e/, ocorrido na unidade lexical “semana”; (ii) /u/ no antropónimo “Tchuma” por /o/ em “soma”; (iii) /i/ do antropónimo “Tchilenda” por /o/ em “Calemba”; (iv) /ɔ/, do antropónimo “Tchimboma”, por /a/ de “chumbamos”, por Contraste em Ambiente Análogo (CAA); (v) /ɛ/ do antropónimo “Cassela” por /u/ de “cassula” e (vi) /o/ de “Cassendo” pelo /a/ de “Cassenda” por Contraste em Ambiente Idêntico (CAI), de acordo com Silva (2003),

⁴ Conjunto de sete (7) dias.

⁵ Operação matemática.

⁶ Nome de origem kimbundo (o último filho ou irmão).

⁷ Topónimo. Distrito da província de Luanda.

⁸ Topónimo. Bairro da província de Luanda.

⁹ Forma do verbo “chumbar”.

e comprovado os seus valores distintivos, confirmou-se a caracterização dos respectivos segmentos como fonemas realizados nos antropónimos ngangela integrados no PCC.

Relativamente à distribuição dos fonemas /a/, /u/, /ɛ/, /i/, /o/ e /ɔ/ realizados nos antropónimos estudados, tem-se o seguinte:

(i) O fonema /a/ é realizado como vogal baixa ou aberta, anterior, não arredondada [a] em todos os contextos fonológicos onde ocorreu nos antropónimos em estudo, quer em posição tónica quer átona “pré-tónica e pós-tónica” (/a/ → [a] / DAF¹⁰). Ex.: [ka`halu] (posição tónica); [ka`lɛŋga] (átona pré-tónica); [ka`lɛŋga] (átona pós-tónica);

(ii) Observou-se a realização do fonema /u/ como alta ou fechada posterior arredondada [u] em posição tónica ou acentuada, seguida de consoante e como semivogal alta posterior arredondada [w], também em posição tónica, mas seguida de vogal (/u/ [+acentuada] → [u] / ____ C) e (/u/ [+acentuada] → [w] / ____ V). Ex.: [ˈtʃuma], [ka`swɛka];

(iii) Quanto ao fonema /ɛ/, observou-se que o mesmo ocorre como média-baixa anterior não arredondada [ɛ] e que apenas aparece em posição tónica, sendo que, não se constatou, nos antropónimos em estudo, casos onde ocorresse em posição átona, o que faz dele um fonema caracteristicamente tónico (/ɛ/ [+acentuado] → [ɛ]). Ex.: [ka`lɛŋga]; [ka`sɛla]; [ka`swɛka];

(iv) O fonema /i/, nos antropónimos em estudo, foi realizado como alta anterior não arredondada [i] em posição pré-tónica, tónica e pós-tónica (/i/ → [i] / DAF). Ex.: [tʃi`lɛnda] (átona pré-tónica), [tʃi`hiŋga] (tónica), [li`kuŋbi] (átona pós-tónica);

(v) No que diz respeito a distribuição do fonema /o/, verificou-se a sua realização como alta posterior arredondada [u] quando não acentuada em posição final de palavra (/o/ [-acentuada] → [u] / ____ #). Ex.: [ka`vavu];

(vi) Sobre o fonema /ɔ/, registou-se que o mesmo foi realizado como média-baixa posterior arredondada [ɔ] em posição tónica, sendo que não se observou a sua ocorrência em posição átona(/ɔ/[+acentuado] → [ɔ]). Ex.: [tʃi`ɓɔma].

A interpretação que se faz, relativamente à realização do fonema /a/ como baixa ou aberta anterior não arredondada [a] em posição átona, nos antropónimos em estudo, é que tal realização demonstra: (i) a conservação da estrutura fonológica da LO dos antropónimos e (ii) divergência fonética e fonológica da variante do PCC com o Português Padrão (PP).

¹⁰DAF (Diversos Ambientes Fonológicos)

A interpretação, por um lado, (i) funda-se no facto segundo o qual nas línguas bantu (o ngangela não é exceção), o fonema /a/ é sempre realizado como baixa ou aberta anterior não arredondada [a], mesmo quando surge em posição átona (Sassuco, 2022). Por outro lado, a interpretação (ii) fundamenta-se no facto, segundo o qual, tal realização não obedece à regra do vocalismo átono, que determina que as vogais [+baixas], quando não acentuadas, elevam-se tornando-se [-baixas] (V [+baixa] → [-Baixa]/quando não acentuadas) (Mateus, Fale & Freitas, 2005).

A realização dos fonemas /u/, /ɛ/, /ɔ/, nos contextos onde ocorreram, e do fonema /i/ em posição acentuada, demonstram conservação da estrutura fonético-fonológica da LO e adaptação à estrutura da LA, sendo que, tanto no Ngangela quanto no PP são também assim realizados foneticamente (C.f Vicente, 2015 e Mateus, Fale & Freitas, 2005). No que diz respeito à realização do fonema /o/ como alta ou fechada posterior arredondada [u], em posição átona final, interpreta-se que tal realização demonstra adaptação à estrutura fonológica da LA, sendo que, na LO, nesse mesmo contexto, é realizado como média-alta posterior arredondada [o] (/o/ → [o] / [-acentuado] __#) (Vicente, 2015).

A realização do fonema /i/ como alta anterior não arredondada [i] em posição final não acentuada demonstra conservação da estrutura fonológica da LO, pois, na LA, o referido fonema não ocorre em posição final não acentuada (Mateus, Fale & Freitas, 2005). A principal característica dos fonemas vocálicos constituintes dos antropónimos ngangela integrados no PCC, que demonstra a conservação da estrutura fonético-fonológica da LO e não adaptação à LA, é o facto de que, em contextos onde se observou as sequências “V+N+C¹¹”, não ocorreu a nasalização da vogal que antecede o segmento /N/, mas sim a nasalização da consoante que sucede tal segmento (/ka`lɛNga/ → [ka`lɛⁿga]; /tʃi`lɛNda/ → [tʃi`lɛⁿda]) demonstrando assim um tipo de nasalização progressiva, como destaca Moraes (2013), típica do PCC.

5.2. Identificação e Distribuição dos Fonemas Consonânticos Constituintes dos Antropónimos Ngangela Integrados no PCC

Foram identificados, de acordo com a transcrição fonológica apresentada no quadro 6, como unidades fonológicas constituintes dos antropónimos Ngangelas integrados no PCC, os fonemas /k/, /l/, /h/, /n/, /m/, /s/ e /v/. Para os confirmar como tal,

¹¹ V = vogal, N = Arquifonema nasal e C = Consoante não Nasal.

recorreu-se ao método de comutação de segmentos em pares mínimos e em pares análogos (Duarte, 2000). Observe os exemplos em (2).

(2) a)-**Cassela** /k/: **Gabela** /g/; b)-**Cassela** //: **capeta** /t/; c)-**Cahalo** /h/: **cavalo** /v/; d)-**Camana** /n/: **camada** /d/; e)-**Tchimboma** /m/ : **Cebola** //; f)-**Cassela** /s/: **Gabela** /b/; g)-**Cavavo** /v/: **cavalo** //.

Em (2), observa-se a comutação dos segmentos /k/ em “Cassela” por /g/ em “Gabela” (2a); // em “Cassela” por /t/ em “capeta” (2b); /m/ em “Tchimboma” por // em “cebola” (2e); /s/ em “Cassela” por /b/ em “Gabela” (2f), por contraste em pares análogos e /h/ em “Cahalo/ por /v/ em “cavalo” (2c); /n/ em “Camana” por /d/ em “camada”; /v/ em “Cavavo” por // em “cavalo” (2g), por contraste em pares mínimos. Assim, confirmou-se o valor distintivos dos segmentos identificados e comprovou-se a sua caracterização como fonemas identificados nos antropônimos em estudo.

Quanto à distribuição desses fonemas nos antropônimos, observou-se que:

(i) O fonema /k/ ocorreu como oclusiva velar surda [k], em posição inicial seguida de vogal, em posição medial, entre vogais, e em posição final não absoluto, também seguida de vogal, sempre como ataque silábico (/k/ → [k] / DAF). Ex.: [ka`swɛka], [li`ku`bi];

(ii) O fonema // foi realizado como lateral alveolar sonora [l] em posição inicial, medial e final não absoluto, ou seja, em DAF sempre como ataque silábico (/l/ → [l] / DAF). Ex.: [li`lu`ga], [ka`sɛla];

(iii) Fonema /h/ foi realizado, no nível fonético, como fricativa glotal surda [h] em posição medial, entre vogais, como ataque silábico. Sendo este o único contexto de ocorrência que se observou para este fonema (/h/ → [h] / v___v). Ex.: [ka`halu], [tʃi`hi`ga];

(iv) O fonema /n/, no nível fonético, foi realizado como nasal alveolar ou dental sonora [n] em posição final não absoluto entre vogais. Apenas nesse contexto foi identificado no *corpus* (/n/ → [n] / v___v). Ex.: [ka`mana];

(v) Por sua vez, o fonema /m/ foi realizado como nasal bilabial sonora [m] em posição final não absoluto entre vogais. Tal como o fonema /n/, também foi identificado apenas nesse contexto (/m/ → [m] / v___v). Ex.: [tʃi`nboma], [tʃuma];

(vi) O segmento fonológico /s/ foi realizado como fricativa alveolar surda [s] em contexto medial entre duas vogais. Não foi identificado em outros contextos (/s/ → [s] / v___v). Ex.: [ka`sɛla], [ka`sɛ`du];

(vii) O fonema /v/ foi realizado como fricativa lábio-dental sonora [v] em posição medial e final não absoluto entre vogais (/v/ → [v] / v___v). Ex.: [ka`vavu].

A identificação de /h/ como unidade fonológica demonstra conservação da estrutura fonológica da LO do antropónimo, em que a referida unidade também dispõe de valor distintivo tal como na maioria das línguas bantu faladas em Angola (Sassuco, 2022). No PP, este fonema não existe e, dada as circunstâncias de sua ocorrência, é aqui tipificado como uma particularidade do PCC.

Relativamente aos outros fonemas consonânticos, interpreta-se que, tendo em conta o modo e os contextos em que foram realizados, podem demonstrar quer a adaptação à LA quer a conservação da estrutura da LO, sendo que, ocorrem, existem e podem ser assim realizados em ambas (no Ngangela e no Português Padrão).

Foram ainda identificadas como unidades fonológicas realizadas nos antropónimos em estudo as sequências /tʃ/, /Ng/, /Nd/ e /Nb/ como se pode observar na terceira coluna do quadro 6.

Para comprovar a caracterização, como unidades distintivas ou fonemas desses segmentos, observa-se a aplicação do método de comutação em pares mínimos e análogos nos exemplos em (3).

(3) a)-**Tchuma** /tʃ/ : **fuma** /f/; b)-**Calenga** /Ng/ : **colega** /g/; c)-**Ndumba** /Nb/ : **Fuma** /m/; d)-**Ndumba** /Nd/ : **tumba** /t/.

Em (3), constata-se a comutação do fonema /tʃ/ em “Tchuma” por /f/ em “fuma” em ambientes idênticos (3a); a comutação de /Ng/ em “Calenga” por /g/ em colega (3b), de /Nb/ em “Ndumba” por /f/ em “fuma” (3c) assim como a comutação de /Nd/ em “Ndumba” por /t/ em “tumba”, em ambientes análogos e a consequente confirmação do valor distintivo das unidades segmentais /tʃ/, /Ng/, /Nd/ e /Nb/ identificadas nos antropónimos ngangelas integrados no PCC.

Quanto à distribuição complementar dessas sequências fonológicas, tem-se que:

(i) A sequência fonológica /tʃ/ foi realizada como africada, alveo-palatal, surda [tʃ] em posição inicial seguida de vogal, como ataque de sílabas tónicas e átonas (/tʃ/ → [tʃ] / # __ V). Ex.: [tʃiˈlɛ̃ˈda] e [ˈtʃuma];

(ii) A sequências fonológica /Ng/, no nível fonético, foi realizada, nos antropónimos, como nasalizada, velar, sonora [ŋ] em posição não absoluta, entre vogais, normalmente, como ataque de sílabas não acentuas pós-tónicas (/Ng/ → [ŋ] V __ V). Ex.: [kaˈlɛ̃ˈga] e [liˈlũˈga];

(iii) A sequência fonológica /Nb/, por sua vez, foi concretizada foneticamente como consoante nasalizada bilabial sonora [ɲ] em contextos onde ocorreu como ataque

de sílaba medial tónica, entre vogais, e de sílaba final não absolutanão acentuada pós-tonica, também entre vogais. (/Nb/ → [ⁿg] / V ____ V). Ex.: [tʃi`ⁿboma] e [ⁿdu`ba];

(iv) Por fim, a sequência fonológica /Nd/, nos antropónimos onde foi identificado, foi realizado como consoante nasalizada alveolar sonora [ⁿd] em posição inicial absoluta, como ataque de sílaba acentuada, seguida de vogal e em posição final não absoluta, como ataque de sílaba não acentuada pós-tónica, entre vogias (/Nd/ → [ⁿd] / # ____ V) e (/Nd/ → [ⁿd] / V ____ V). Ex.: [ⁿdu`ba] e [ka`se`ⁿdu].

A caracterização das sequência /tʃ/, /Ng/, /Nd/ e /Nb/ como fonemas integrados no PCC carece de um estudo mais aprofundado. Entretanto, presume-se que no ngangela tenham também valor distintivo, ou seja, são fonemas o que, neste caso, pode demonstrar a conservação da estrutura fonológica da LO¹².

Considerações Finais

Neste estudo, analisou-se, por meio da reutilização de um *corpus*, o modo como os antropónimos ngangela integram no Português realizado no Cuando Cubango seguindo os princípios do modelo fonémico da fonologia estruturalista.

Ao observar-se o *corpus*, obteve-se como resultados:

- (i) A construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons vocálicos presentes nos antropónimos;
- (ii) A construção de um quadro com a identificação e classificação fonéticas dos sons consonânticos (consoantes);
- (iii) A apresentação ou construção de um quadro com as transcrições fonológicas dos antropónimos.

A descrição dos resultados fez perceber que os antropónimos estudados integram no PCC, ora conservando a estrutura fonético-fonológica do ngangela ora adaptando-se à estrutura da LP (variante Padrão).

Nos casos em que se observou a conservação da estrutura do ngangela, os antropónimos trouxeram ao PCC unidades segmentais “fonemas e fones” que não ocorrem no PP, como é o caso dos fonemas consonânticos nasalizados e suas realizações (/Ng/ → [ⁿg]; /Nb/ → [ⁿb] e /Nd/ → [ⁿd]); do fonema (/h/ → [h]) e do fonema (/tʃ/ → [tʃ]).

¹²Os estudos consultados sobre as línguas nacionais no geral, como o de Sassuco (2022), e sobre o ngangela, de modo particular, como o de Vicente (2015), caracterizam as sequências /tʃ/, /Ng/, /Nd/ e /Nb/ apenas como letras ou grafemas.

Nos casos onde houve adaptação à LP (variante padrão) houve também conservação da estrutura da LO, como é o caso da realização dos fonemas /u/, /ɛ/, /ɔ/ nos contextos onde ocorreram, e do fonema /i/ em posição acentuada.

O estudo focou-se apenas nos antropónimos, mas presume-se que o que acontece com os antropónimos pode também acontecer com outras unidades lexicais do ngangela integradas no PCC. Por isso, recomenda-se que sejam feitos mais estudos desta variante regional do PA para que, ao construir-se a norma-padrão do PA, as características do PCC sejam tidas em conta.

Referências

- Cagliari, L. C. (2002). **Análise Fonológica**: Introdução à Teoria e à Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. São Paulo: Mercado de Letras.
- Callou, D. & Leite, Y. (2009). **Iniciação à Fonética e Fonologia**. Rio de Janeiro: Zaha.
- Calvet, L. J. (2007). **As Políticas Linguística**. São Paulo: Parábola.
- Duarte, I. (2000). **Língua Portuguesa: Instrumento de Análise**. Universidade Aberta.
- Gil, A. C. (2008). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S. A.
- Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2010). **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas.
- Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2010). **Técnicas de Pesquisa**: Planejamento e Execução, Amostragem e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados. São Paulo: Editora Atlas.
- Mateus, M. H et al (2005). **Fonética e Fonologia do Português**. Universidade Aberta.
- Matias, G. et al. (1997). **O Mundo Cultural dos Ngangelas**. Editorial Perpétuo Socorro.
- Miguel, A. J. (2022). Princípios de Integração Ortográfica de Empréstimos Lexicais das Línguas Bantu de Angola no Português. In **Ipsis Verbis**. Nº. 1. (pp 117 – 150). UCAN.
- Moreira, V. (2023). Características Fonológicas do Português Realizado no Cuando Cubango: Para uma Descrição Dialectológica do Português Angolano. In **Português de Angola**: Fonologia, Sintaxe e Lexicologia. (pp. 40 - 59).
- Sassuco, D. P. (2022). As Línguas Bantu Também se Escrevem: Suas Especificidades em Relação à Língua Portuguesa. In **Ipsis Verbis**. Nº. 1 (pp. 93 – 114). UCAN.
- Seara, I. C. et al (2011). **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. UFSC.
- Simões, A. (2016). Metodologia de Investigação Científica: A Investigação Qualitativa. Mayamba.
- Siva, T. C. (2003) **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto.

Tchimballi, A. (2017). **Antroponímia na Língua Ngangela**. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Undolo, M. (2016). **A Norma do Português Angolano**: Subsídio para o seu Estudo. ESP-Bengo.

Vicente, F.(2015). **Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango**: Proposta de Armonização de Grafia. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Zassala, C. (2013). **Iniciação à Pesquisa Científica**. Luanda: Mayamba.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): MOREIRA, Valentim Francisco. Integração Fonético-Fonológica de Antropónimos Ngangela no Português do Cuando Cubango. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 33-50, jul./dez.2025. (Trad. António Kambinda)

Para citar este texto (APA): Moreira, Valentim Francisco (jul./dez.2025). Integração Fonético-Fonológica de Antropónimos Ngangela no Português do Cuando Cubango. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 33-50.(Trad. António Kambinda)